

Guaranis projetam centro cultural

Objetivo dos índios é manter a cultura e organizar as visitas a Parelheiros

Da Reportagem Local

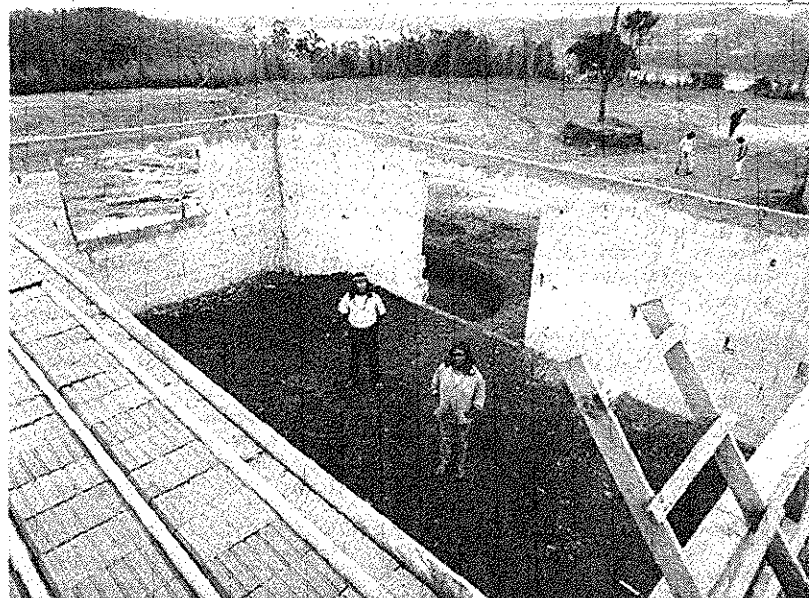
A 51 km do centro da cidade, em Parelheiros (zona sul), uma aldeia de índios guarani aderiu à modernidade. Há dois meses, o aguerrido conselho da aldeia iniciou a construção de seu próprio centro de cultura, já batizado como Ambá Arandu —expressão intraduzível para o português.

O Centro, construído com doações alemãs, está na reserva de nove alqueires da Funai conhecida como Morro da Saudade, onde vivem 200 guaranis.

Será a única construção de concreto da aldeia, até hoje formada por casas de pau-a-pique, as "oós". Apesar disso, a sede do Centro terá as mesmas linhas arquitetônicas usadas na reserva —a frente voltada para o nascer-do-sol e a cobertura "em ponta".

Trata-se de um levante guarani em plena cidade. Ali, as crianças serão alfabetizadas simultaneamente em português e em seu próprio idioma. Os outros membros da tribo poderão aprender as artes da apicultura, piscicultura e outras atividades produtivas, uma forma de combater a pobreza em que vivem sem apelar para a Funai e outras entidades de proteção ao índio. "Essas instituições se interessam por nos manter ignorantes, pois vivem de nossa incapacidade de articulação e autodefesa", diz um dos conselheiros da aldeia, Karáí Mirim, 40.

Os índios urbanos de Parelheiros também querem usar o Centro para "defender sua imagem e cultura", segundo Karáí. Até hoje, as visitas à aldeia têm sido



Obra do centro cultural que os guaranis estão construindo

feitas de forma desordenada, por estudantes e curiosos. Agora, a entrada terá que ser requisitada por ofício ao Centro.

As fotografias estão proibidas. "Já cansamos de ver fotos de índios ilustrando teses de intelectuais dos quais nunca ouvimos falar", diz Karáí Mirim. "Temos à venda no Centro um acervo próprio de fotos, com cenas de nosso cotidiano e rituais".

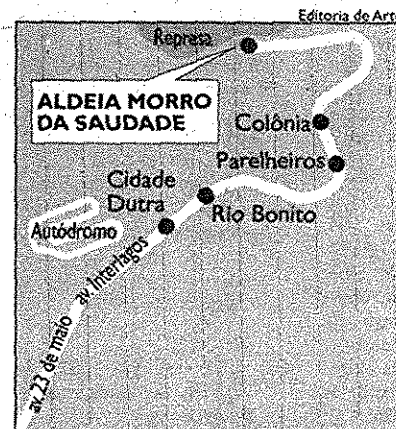
Além do acervo fotográfico, faz parte dos planos dos guaranis um álbum com textos em guarani e português, e também uma exposição itinerante com painéis fotográficos. "Estamos em busca de patrocinadores que financiem o projeto", diz o fotógrafo oficial da aldeia, Ivo Fuckner.

Os Guaranis do Morro da Saudade não sabem contar com precisão porque ocupam aquela área.

Sabem apenas porque sobreviveram à destruição de tantas outras tribos —das 900 nações indígenas, só restam 180. "Somos nômades e sempre escapávamos para mais longe", diz Karáí. "Há pouco mais de um século nos assentamos aqui na zona sul." O habitante mais antigo é Verá, 90, pai do cacique Guyrá. Segundo ele, a aldeia possuía originalmente apenas três casas. Hoje, são 48.

Apesar da arrojada idéia da construção do Centro, os guaranis urbanos são arredios. O conselho da aldeia é formado por dez desconfiados membros, bastante jovens e empenhados em manter o grupo unido.

Eles têm conseguido. A população guarani de Parelheiros está crescendo. Entre os 200 habitantes do Morro da Saudade, existem 150 crianças e adolescentes.



Carlos Goldgrub

Editoria de Arte